

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA – MAG
LABORATÓRIO DE GESTÃO INTEGRADA DA ZONA COSTEIRA – LAGIZC

**ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS GERADOS A PARTIR DA
INSTALAÇÃO DA FEIRA DE ARTESANATO DA AVENIDA BEIRA-MAR -
FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL**

João Paulo Martins Marques¹
Brenda da Silveira Wilke²
Fábio Perdigão Vasconcelos³

RESUMO

A cidade de Fortaleza passou nas últimas quatro décadas por um intenso processo de desenvolvimento econômico, marcado pela rápida inserção da metrópole no mercado global. Primeiramente com a indústria e, a partir de meados de 1980, com o turismo na região costeira. Isso provocou intensas mudanças sociais, econômicas e ambientais na região. A Feira de artesanato da Avenida Beira-Mar se apresenta como um reflexo de todas essas transformações ocorridas no espaço litorâneo da capital cearense. Nas últimas três décadas, a feira tem gerado impactos adversos como a acumulação de lixo, transtorno no trânsito local, modificação e degradação da paisagem local, e, em contrapartida, tem provocado a geração de empregos diretos e indiretos, elevação de renda, incremento do comércio e consolidação do local como atrativo turístico. O presente trabalho busca fazer um alerta às autoridades a partir da análise dos impactos mencionados, a partir dos princípios de Gestão Integrada da Zona Costeira (GIZC), visando mitigar as problemáticas que envolvem o local, haja vista sua posição estratégica no circuito produtivo da atividade turística.

Palavras Chaves: Feira de Artesanato, Turismo, Avenida Beira-Mar

ABSTRACT

¹ Graduando do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual do Ceará e Bolsista do - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico – FUNCAP - vinculado ao Laboratório de Gestão Integrada da Zona Costeira- LAGIZC

² Graduanda do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual do Ceará e Bolsista do Programa Voluntário de Iniciação Científica – PROVIC - vinculada ao Laboratório de Gestão Integrada da Zona Costeira- LAGIZC

³ Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Coordenador do Laboratório de Gestão Integrada da Zona Costeira- LAGIZC

The city of Fortaleza spent the last four decades through an intense process of economic development, marked by rapid insertion of the metropolis in the global market. First with the industry and, from mid 1980, with tourism in the coastal region. This provoked intense social, economic and environmental issues in the region. The Exhibition of handicrafts from Avenida Beira-Mar is presented as a reflection of all these changes occurring in the coastal area of Fortaleza. In the last three decades, the fair has generated adverse impacts such as littering, disorder in local traffic, modification and degradation of the local landscape, and, in turn, has caused the generation of direct and indirect jobs, increased income, enhancing trade and strengthening of local and tourist attraction. This paper seeks to alert the authorities from the analysis of the impacts mentioned, from the principles of Integrated Coastal Zone Management (ICZM) to mitigate the problems surrounding the site, given its strategic position in the circuit of productive activity tourism.

Keywords: Craft Fair, Tourism, Avenida Beira-Mar

INTRODUÇÃO

O turismo tem sido, sem dúvida, a atividade econômica que mais se desenvolveu durante os últimos 20 anos. LIMA (2004, p.11) afirma que “este segmento encontra-se hoje plenamente incorporado à sociedade de consumo, transformando-se em uma necessidade”. Com a reorganização do espaço, após a Segunda Guerra Mundial, e a estruturação do Estado do bem estar social nos EUA e na Europa Ocidental, o turismo ganha impulso e se dissemina na sociedade pós-moderna a nível internacional.

Com a redescoberta da natureza nos anos de 1970, de uma natureza negociável e rentável (LIMA, 2004, p.12) e aliada à revolução das técnicas, a atividade foi introduzida nos países subdesenvolvidos, visto o enorme potencial de recursos naturais não explorados. O Brasil, em meio a esse contexto, assumiu uma posição importante frente à atividade turística, dando destaque a zona costeira do país, dotada de lugares privilegiados de belezas singulares. Com condições propícias para o desenvolvimento do turismo, Fortaleza passou a ser alvo da ânsia dos investidores.

A inserção do turismo no circuito produtivo de Fortaleza foi decisiva para colocá-la em um dos destinos mais visitados no Brasil. Hoje, não apenas

turistas do país costumam visitar as praias de Fortaleza, como também o público estrangeiro.

A partir disso, toda uma estrutura turística se firmou na orla fortalezense para atender a demanda existente. Foram construídos prédios, bares, restaurantes, vias de acesso objetivando a boa passagem dos visitantes. Essa turistificação trouxe grandes conseqüências ao espaço e à população que ali residia. De um lado, a atividade crescia de forma explosiva, enquanto as comunidades de pescadores perdiam sua essência, pois as casas de taipa deram lugar aos grandes resorts, afastando esses povoados para locais afastados do mar. Com poucas opções, muitos pescadores venderam sua força de trabalho à indústria têxtil, outros se mudaram para cidades próximas e outros se organizaram e formaram as feiras livres, entre elas a Feira de Artesanato da Avenida Beira-Mar.

A instalação da feira na Praia do Meireles é um aspecto a ser discutido. O grande adensamento populacional na área implica em diversos impactos à região e com a feira inserida neste espaço a problemática apenas aumenta. O acúmulo de lixo, o transtorno no trânsito local, a modificação e degradação da paisagem local são alguns dos impactos levantados e discutidos no decorrer deste trabalho.

O objetivo principal foi analisar de forma sistêmica como este elemento do circuito de produção se estabeleceu no contexto histórico da atividade turística de Fortaleza, bem como identificar os impactos socioambientais existentes nele e fornecer soluções que visem mitigar os danos no espaço inserido.

METODOLOGIA

Primeiramente, partimos da fundamentação teórica, para se observar como a atividade da feira influenciou ao longo do tempo a comunidade. Após realizar o aporte teórico, coletamos dados na Secretaria Executiva Regional II (SER II), no Sindicato de Artesãos Autônomos do Estado do Ceará (SIARA) e na Associação dos Feirantes da Avenida Beira Mar (ASFABEM).

Posteriormente, aplicamos questionários com os feirantes. No total foram entrevistados 20 feirantes, entre eles donos e empregados da barraca. Nas entrevistas foram abordados aspectos relacionados à infra-estrutura da feira, ações dos feirantes e do Poder Público na conjuntura que a feira se

encontra e o que poderia ser feito para diminuir os impactos gerados pela instalação do comércio na Avenida Beira Mar.

Foram utilizadas ainda figuras ilustrativas do objeto de estudo e mapas temáticos a fim de se fazer o recorte espacial para entender como a feira se estabelece e se comporta ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A GESTÃO INTEGRADA DA ZONA COSTEIRA (GIZC)

A zona costeira é, sem dúvida, a porção do território onde há uma grande diversidade de riquezas naturais. Por conta disso, a valorização e posteriormente, a utilização desses espaços tem gerado grandes conflitos, caracterizando nos últimos anos como um espaço restrito (VASCONCELOS, 2005).

Com a instalação da rede turística na zona litorânea, os danos se mostram mais visíveis e diretos. Tendo em vista que esses impactos atuam nos sistemas costeiros de modo a interferir em sua dinâmica, há de se admitir estudos integrados que visem entender como esses processos ocorrem.

A concepção de estudos integrados lançada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1970 inspirou várias contribuições nas análises geográficas. Entre as principais aportes destacam-se Ab'Saber (1970), Souza (1985), Ross (1990), Monteiro (2000), e mais recentemente Vasconcelos (2005), entre outros autores (NASCIMENTO E SAMPAIO, 2004; 2005).

A Gestão Integrada de Zona Costeira (GIZC) proposta pela aparece como uma alternativa para o desenvolvimento sustentável na zona litorânea. Segundo Vasconcelos (2005), A GIZC é o conjunto de medidas que tem como pilar de sustentação o conhecimento científico e a tomada de decisão da base para o topo. A GIZC fornece bases para o bom ordenamento da orla, analisando os efeitos das atividades humanas e da dinâmica natural no comportamento ambiental. A partir da exposição da teia de inter-relações que o objeto possui, a recuperação dos ambientes degradados se torna possível.

Basicamente, o processo de GIZC é dividido por três fases:

- A primeira é de identificação preliminar, esta fase por sua vez é dividida em etapas, primeiro são avaliadas as condições preliminares para que o possa se dar ao início processo e depois a viabilidade do processo;

- A segunda é a fase de preparação, onde se faz relatório da realidade sócio-ambiental, depois se pensa nos desejos e possibilidades futuros;
- A última fase é o processo em andamento, onde acontece a institucionalização do processo (homologação do projeto, levantamento dos recursos e etc.), depois há a aplicação do esquema de gestão e por último acontece a avaliação dos resultados obtidos e são feitos os ajustes necessários.

No caso da Feirinha de Artesanato da Avenida Beira-Mar, a análise de cunho integrado busca mostrá-la como parte de um circuito humanizado e que implica e que influencia os aspectos naturais e sociais do ambiente.

Neste trabalho, é apresentada uma contribuição à GIZC de Fortaleza, com a caracterização do ambiente que o comércio se encontra, apresentação dos principais problemas socioambientais e formas de mitigação dos mesmos.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A Feira de Artesanato se localiza na Avenida Beira-Mar, no bairro Meireles, com sua delimitação espacial entre o paralelo $3^{\circ}43'32.33''S$ e o meridiano $38^{\circ}29'45.04''W$, contando hoje com 650 barracas, divididas em diversas alas (artesanato, vestuário, alimentação etc.).



Figura 01. Área de Estudo em Fortaleza, Ceará
Fonte: Google, 2011.

A feira tem como trabalhadores ex-pescadores, artesãos e vendedores vindos de bairros adjacentes, sendo donos ou não das barracas na qual

trabalham. Além dos barraqueiros, há também os vendedores ambulantes de alimentos, brinquedos em geral, bijuterias e artistas locais.

Os freqüentadores da feira são principalmente os turistas hospedados em hotéis da região, turistas não estão hospedados na beira-mar, mas passeiam pelo calçadão e moradores da própria cidade de Fortaleza. O perfil do turista é bem diversificado tendo brasileiros e estrangeiros em sua composição.

O crescimento em larga escala do sítio urbano de Fortaleza acelerou-se na década de 1960, tendo o turismo apresentado a partir dessa década um desenvolvimento significativo em suas atividades. Esse período proporcionou a vinda de trabalhadores que não eram capacitados para atender a atividade industrial e que a partir do conhecimento artesanal, via-se uma forma de obter renda, como bem explica GONÇALVES (2009, p. 22):

“Os espaços públicos das grandes cidades nordestinas, mais especificamente as que se encontram nas faixas litorâneas, atraem grande número de trabalhadores que buscam nas atividades tradicionais, como o artesanato, oportunidades de trabalho e renda, haja vista o dinamismo da atividade turística desenvolvida nas últimas décadas.”

Vendo o turismo como fator chave para alavancar a economia local, o Estado passa a investir fortemente no setor. O Plano Diretor de Fortaleza (1962) estimulou o processo de urbanização do litoral, tendo como uma de suas principais metas a construção da Avenida Beira Mar em 1963. O projeto mudou profundamente o perfil ocupacional da área. Antes havia pequenas casas de veraneio e residências de pescadores, dando lugar, sobretudo na década de 1980, a classe média alta que passou a utilizar a orla como moradia e espaço de lazer.

Diante desse quadro, e ao mesmo tempo, do desemprego encontrado em Fortaleza, surgem as feiras livres na tentativa de suprir a demanda gerada a partir da atividade turística. Outro fator para a formação das feiras livres na cidade, em especial a feirinha da Beira Mar, se dá pela vinda de imigrantes oriundos da zona rural devido às fortes estiagens que ali ocorriam. Além disso, com as grandes disputas por um espaço na orla de Fortaleza, muitos pescadores foram expulsos de suas antigas casas próximas ao mar e foram afastados para bairros mais distantes, obrigando-os a vender sua força de trabalho a partir de outra atividade, como o artesanato, por exemplo.

No fim dos anos 1970, dá-se início, na calçada do Hotel *Othon Palace* (hoje o Hotel Oásis Atlântico Imperial) a venda de produtos artesanais aos turistas que ali se hospedavam, sendo um fato comum em cidades de países tidos como periféricos (GONÇALVES, 2009). Assim, começa a apropriação do espaço da Avenida Beira-Mar pela atividade. Os feirantes mais experientes dizem em seus relatos que a atividade já existia quando a rede hoteleira se concentrava no centro da cidade: “*Antigamente tinha muitos hotéis no centro e isso é o que fazia agente vender os artesanatos no começo.*”

O comércio de artesanato foi crescendo compassadamente com a atividade turística de Fortaleza. Os artesãos que ali realizavam seus ofícios se concentravam do outro lado da Avenida Beira-Mar, na calçada adjacente à faixa de praia. De acordo com o relato de um dos primeiros feirantes, “[...] as pessoas que trabalhavam nos hotéis expulsavam agente do calçadão.” Por conta disso, a feira passa a se estruturar desordenadamente, causando transtorno no tráfego de pessoas na área. Nesse momento, o comércio se constituía de forma linear a calçada da orla. Segundo COELHO (1989), a feira se estendia da Rua Nunes Valente até a Rua Julio Ibiapina (FIGURA 01).

Surge, então, a necessidade de o poder público intervir na organização desse comércio, visto que a essa altura um numero maior de feirantes se apodera desse espaço público, o calçadão, contrariando as normas urbanas estabelecidas. Na gestão da prefeita Maria Luiza Fontenele (1986-1989), houve o ordenamento dos ambulantes por intermédio da Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização (EMLURB).

Esse ordenamento tinha como objetivo o cadastramento de todos os trabalhadores da orla, fossem eles artesãos e/ou vendedores de artesanato, fossem vendedores de confecção. A feira foi dividida em dois pólos artesanais, I e II, no intuito de que os feirantes pudessem comercializar seus produtos em barracas padronizadas.

Após vários embates, seja devido a cobrança diferencial de impostos feita entre artesãos e ambulantes, seja pelas disputas pelo espaço do calçadão, o Estado observou o rápido inchaço do comercio da feira e em 1993 é publicado no *Diário Oficial do Município* o Decreto nº 9143/93, ganhando uma nova redação em 1994 pelo Decreto 9300/94 regulamentando o exercício das atividades do comércio ambulante no Município de Fortaleza:

“É considerado comércio ambulante toda atividade comercial e de prestação de serviço, de caráter permanente ou eventual, exercida de maneira estacionária e itinerante, em vias ou logradouros públicos, por pessoas que não possuam qualquer tipo de vínculo empregatício ou funcional com pessoa pública ou privada.” (PMF, 1994)

A feira ainda passou por outras intervenções nos anos 2000 e em 2006. A primeira intervenção foi a substituição do material que formava a área reservada à feira, de areia e brita por pavimento, além da instalação de postes de iluminação pública. Além disso, foram realizados outros recadastramentos, haja vista o aumento do número de feirantes e a concessão de uso do espaço público da Beira-Mar. Já em 2006, a feira passou por um novo ordenamento, havendo uma nova padronização na disposição das barracas com a formação de dois corredores centrais.

Outra alteração na área da feira constituiu da retirada dos boxes de alimentos e bebidas que se localizavam já próximos a faixa de praia. Porém devido às reivindicações os quiosques foram incorporados a feira. Muitas outras normas foram estabelecidas com o reordenamento como:

“[...] a padronização de medidas, peso e numeração dos carrinhos utilizados para guardar e transportar as mercadorias comercializadas, além do estabelecimento de horários fixos para o transporte dos carrinhos até o calçadão.” (GONÇALVES, 2009, p. 112)

Em 2007, o vereador Idalmir Feitosa (PSDB) apresentou um Projeto de Lei que visa à oficialização da feira. Segundo o projeto, cada artesão será identificado por um cadastro que será elaborado pelo órgão competente da administração pública municipal e, além disso, o Chefe do Poder Executivo ordenará os limites da área, demarcando os pontos e a ocupação que cada artesão identificado deve seguir.

A proposta também motiva que o Poder Público realize convênios e parcerias com a União, Estado e Instituições Públicas e Privadas para a implantação de boxes padronizados para comercialização dos produtos. A entrega dos boxes seguirá critérios previamente elaborados em Assembléia Geral, constituída pelos atuais artesãos. A proposta cria o Conselho Administrativo da Feira de Artesãos da Beira Mar que será constituído por sete membros: Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, Tesoureiro Geral, Relações Públicas, Orador Oficial e Assistente de Segurança e Cidadania.

Até a Copa de 2014, espera-se que a Avenida Beira Mar receba um novo reordenamento, contando com a instalação de novos boxes e a regularização de todos os feirantes.

Infelizmente, o que foi observado no calçadão durante a pesquisa de campo com a realização dos questionários e dos relatos dos feirantes foi um quadro de desassistência por parte do Poder Público, aliado às práticas dos próprios feirantes e ambulantes que degradam o meio ambiente,

Diante disso e ao expor em análise seu contexto histórico, nota-se que a Feira de Artesanato da Avenida Beira-Mar assume um papel importante na dinâmica do circuito produtivo local, Sendo um marco do turismo de Fortaleza, a feirinha hoje carece de investimentos públicos e possui vários problemas socioambientais atrelados a conflitos pelo espaço que está inserida que serão debatidos e postos em discussão a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante toda a pesquisa bibliográfica e em campo foi observado que inúmeros impactos de cunho ambiental e social estão ocorrendo neste espaço. Sua importância na economia turística de Fortaleza é bem explícita, devendo ser preservada tanto pelos que frequentam a feira, sejam os barraqueiros, ambulantes, turistas e população residente, quanto pelo poder público.

Seguindo o contexto da GIZC, a seguir são levantados os impactos socioambientais gerados a partir da instalação da feirinha da Beira-Mar e suas respectivas soluções.

Impactos Ambientais

A maior reclamação entre os feirantes foi a falta de lixeiras disponíveis ao longo da feira. Havia lixeiras no calçadão e próximo a praia, entretanto em dezembro de 2010 as próximas a praia foram retiradas pelos garis. A justificativa dos garis foi a de outros lugares do calçadão estarem necessitando de lixeiras. O presidente da associação se comprometeu a conseguir junto a prefeitura lixeiras novas para a feira, porém não as conseguiu.

A falta de lixeiras ao longo dos corredores culmina no acúmulo de lixo no calçadão. Turistas, feirantes e ambulantes não possuem local certo para colocar seu lixo. Para amenizar a situação, muitas barracas possuem sacolas onde é armazenado o lixo produzido durante a noite para depois ser

descartado nas lixeiras do calçadão. Muitos feirantes após desmontarem suas barracas deixam suas sacolas de lixo no calçadão e na praia. Após a retirada das barracas sobra apenas o lixo, onde posteriormente é recolhido pelos garis. Porém só é limpo o calçadão, o que se é jogado na praia dificilmente é retirado.

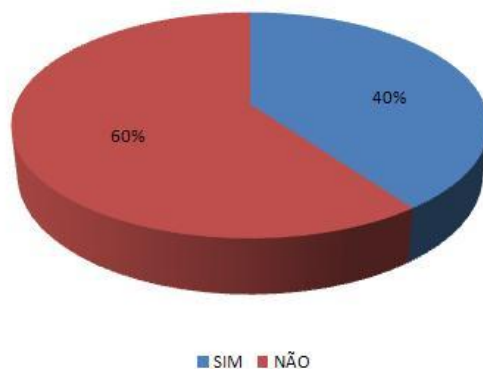


Fig.02. Possui Lixeira na Barraca
Fonte: Pesquisa Direta – Mar/2011

O lixo acumulado no local atrai insetos, ratos e em épocas chuvosas o mosquito da dengue. A presença de ratos faz com que a prefeitura aplique veneno. Após a morte dos animais, estes não são retirados provocando um odor desagradável e o risco de doenças. Caso esteja em uma época chuvosa estes ratos (juntamente com o lixo do local) podem até serem levados para o mar, contaminando-o.

A galeria pluvial presente no local está contaminada por esgoto. Feirantes e turistas reclamam do mau cheiro que ela exala, prejudicando as vendas e o turismo no local. Monitoramentos recentemente realizados pela Superintendência de Meio Ambiente do Estado do Ceará (SEMACE) revelam altos teores de coliformes fecais, acima dos índices toleráveis pela legislação vigente.

Outra dificuldade encontrada no local é a falta de banheiros químicos. Isto prejudica o meio ambiente e o turismo. O meio ambiente pelo fato de contaminar o solo, gerando doenças que atraem insetos e animais. Já o turismo é prejudicado pelo mau cheiro que afasta as pessoas do local.

Feirantes e ambulantes que necessitam ir ao banheiro fazem suas necessidades na praia por não terem outra opção. Para poder usar um banheiro é necessário pagar, pois os mais próximos são os das barracas de praia. Estas cobram para as pessoas que não consomem produtos da barraca.

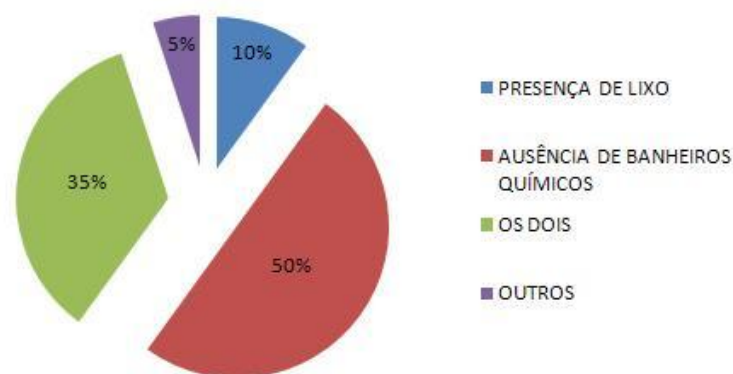


Fig. 03. Desconforto Causado Pelo Local
 Fonte: Pesquisa Direta – Mar/2011

A necessidade de instalar um banheiro público ou colocar banheiros químicos no local foi bastante citada nas pesquisas. Entretanto, alguns feirantes ainda comentaram que é melhor não ter, pois as pessoas não iriam saber usá-los depredando-os e sujando-os rapidamente. Mencionaram que a instalação de um banheiro na feira iria afastar mais os turistas por causa do mau cheiro que poderia proporcionar.

Nenhum dos feirantes entrevistados separa seu lixo para a coleta seletiva. Apesar de não haver a coleta seletiva na região, o material separado poderia ser entregue aos catadores. Após um dia de feira, catadores de lixo rasgam sacos encontrados ao longo do calçadão e nas lixeiras públicas, espalhando todo material que se encontra ali. Retiram apenas o que lhes interessa e deixa o resto jogado pelo chão, dificultando o trabalho dos garis da região.

Os artesãos entrevistados não utilizam materiais reciclados para produzir seus produtos. Todos compram produtos já industrializados e processados para facilitar seus trabalhos. Um exemplo são os artesãos que fazem bijuterias. É utilizada a casca de coco para produzir brincos, colares entre outras peças. Esta casca de coco é comprada de uma empresa que processa e desenvolve peças de bijuterias, ou seja, a característica de artesão já não é mais visualizada.

A feirinha da beira mar é um dos pontos turísticos mais procurados em Fortaleza. Entretanto não há investimentos suficientes por parte do Poder Público para melhorar a infra-estrutura do local, proporcionando um

desconforto para turistas e feirantes. É preciso que haja uma maior fiscalização no local para conter a degradação da área.

Impactos Sociais

Ao longo do tempo, a feirinha sofreu inúmeros impactos sociais. Por estar inserida em um dos lugares de maior pressão demográfica (120,72 hab/ha), o comércio está sujeito a diversos conflitos envolvendo o poder público e os grandes empresários. A especulação imobiliária e a expansão da rede hoteleira no Meireles afastaram as famílias que antes viviam na orla.

Porém, ressalta-se que a maior parte dos comerciantes não mora no bairro Meireles (Fig.04), Isso comprova o grau de segregação espacial ocorrida na área.

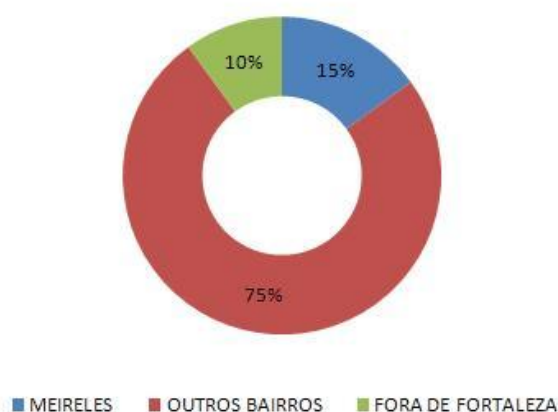


Fig. 04. Bairro Onde o Feirante Reside
Fonte: Pesquisa Direta – Mar/2011

Hoje, o único elemento que representa uma classe com baixo poder aquisitivo no bairro é a feira. Diante disso, GONÇALVES (2009, p. 25) diz “*que a feira da Beira-Mar se caracteriza pela resistência, em que o território dos feirantes se mescla à norma urbana e convive em meio à especulação imobiliária e à atividade hoteleira.*”

Os conflitos de uso e ocupação na área continuarão enquanto não houver a fixação e regularização da feira. Em vez disso:

“a lei municipal que regulamenta o uso e a ocupação do solo do espaço urbano já foi alterada diversas vezes para atender aos interesses de grandes grupos econômicos que desejam investir na Avenida Beira-Mar e no seu entorno.” (VASCONCELOS, 2005, p.66-67).

A falta de investimentos é outro grave problema da feirinha. Muitos dos feirantes durante as entrevistas reclamaram da falta de assistência em relação a infra-estrutura. *“Temos apenas a barraca de ferro, sem coberta. Quando chove, eu coloco esses plásticos, mas desse jeito faz é espantar os turistas.”*

De acordo com a pesquisa direta, entre as maiores dificuldades encontradas na feira estão a falta de estrutura das barracas e sua fixação, como mostra a Fig. 05:

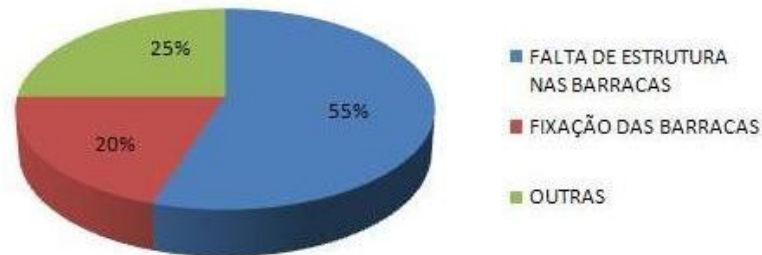


Fig. 05. Dificuldades Encontradas Na Feira
Fonte: Pesquisa Direta – Mar/2011

A informalidade é característica de qualquer feira livre. No caso da feirinha da Beira-Mar, a maior parte dos comerciantes alegou que não há outro espaço no mercado de trabalho para eles. O baixo grau de instrução e o desemprego são fatores-chave para a persistência da feirinha.

Segundo a pesquisa, o que mais motivou a escolher do ofício foi o desemprego. *“Não tem emprego. Aqui na feira já é disputado, imagina por emprego de carteira assinada”*, brinca um dos feirantes.

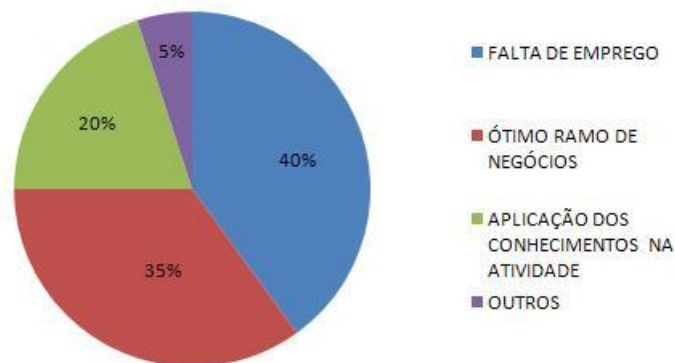


Fig. 06. Motivação Para Exercer A Atividade
Fonte: Pesquisa Direta – Mar/2011

A feira também tem enfrentado ao longo do tempo um processo de descaracterização. Antes havia poucos feirantes, que vendiam apenas artesanato. Hoje, o comércio possui uma gama de origem artesanal e industrial

Do ponto de vista cultural, a regularização da venda de produtos industriais tira o espaço de muitos artesãos que poderiam estar na feira. Além disso, muitos comerciantes deixaram de vender os produtos feitos artesanalmente em troca de venderem artigos da indústria. “Não dá pra competir. Antes eu vendia comidas típicas e hoje eu vendo roupas de banho.”

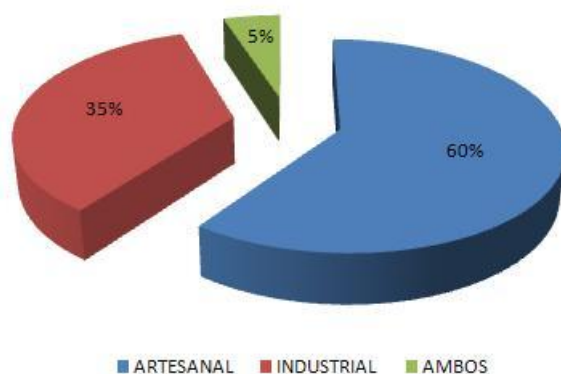


Fig. 07. Tipo de Produto Comercializado
Fonte: Pesquisa Direta – Mar/2011

Outro aspecto relevante é o transtorno causado pelos carrinhos dos feirantes. Isso dificulta o acesso dos visitantes e o trânsito local. A fiscalização da prefeitura permite a passagem do carregamento até as 18:00 horas, voltando a passagem por volta de 21:00 horas para o recolhimento do material. Porém, o que se observa no horário de saída dos feirantes é a falta de fiscalização. Muitos feirantes saem de madrugada, dependendo do movimento de turistas. Além disso, muitos comerciantes estacionam os carrinhos em locais proibidos, atrapalhando a pista de passeio das pessoas que transitam pelo calçadão.

Por Uma Gestão Integrada

Para a resolução dos impactos que foram anteriormente analisados é necessário:

- solucionar a questão da legalização do comércio da feirinha com a fixação de stands cobertos e que contenham energia elétrica própria, isso acabaria com as taxas de transporte e armazenagem de

mercadorias, e acabaria com os transtornos no trânsito local causados pelos carrinhos;

- instalação de banheiros químicos próximas às dependências da
- Feira, diminuindo o mau cheiro do lugar;
- implementação de uma rede de esgotos, despoluindo as galerias pluviais próximas a feira, diminuindo o mau cheiro e os focos de doenças;
- instalação de lixeiras de coleta seletiva em pontos estratégicos inclusive nos stands;
- maior fiscalização no local, para o zelo e manutenção dos equipamentos e da paisagem;
- maior rede de policiamento e iluminação pública;
- cursos de capacitação (técnicas de venda, marketing, línguas estrangeiras);
- campanhas de educação ambiental, conscientizando não só o feirante como também o visitante;
- elaboração de políticas públicas que visem à promoção turística da feira;
- incentivos fiscais para os feirantes, a fim de estimular o comércio local.

CONCLUSÕES

A Feira de Artesanato da Avenida Beira-Mar de Fortaleza é um dos produtos resultantes das mudanças que alteraram o modo de vida das populações litorâneas. Devido à dimensão que o comércio tomou ao longo do tempo, este espaço se firma como referência do turismo local. Sendo de fundamental importância na economia formal e principalmente informal da cidade, a retirada da feira desse espaço estratégico seria, do ponto de vista social, cultural, político, econômico e turístico, de impacto adverso.

Na dimensão ambiental cabe lembrar que toda atividade inserida de forma exagerada, sem o planejamento adequado, implicará em inúmeros efeitos desfavoráveis ao espaço explorado. Na feirinha, os problemas ambientais trazem consequências não apenas a área que ela se encontra, como também as pessoas que transitam o local.

Já na dimensão social, apesar de todas as adversidades, a atividade se firma como um dos principais pontos turísticos da cidade de Fortaleza. Vale ressaltar o caráter de resistência às pressões das classes de maior poder aquisitivo da área.

As sugestões aqui apresentadas representam o primeiro passo para que haja uma reversão do quadro que a Feira se encontra. Em segundo momento, visam instigar as discussões entre os diversos atores que compõe esse espaço a fazer uma discussão a respeito do uso e ocupação ordenada da área, Por ultimo, as considerações servem de alerta para que os tomadores de decisões possam intervir na problemática, mitigando os impactos socioambientais adversos identificados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, S. M. de A.. A feirinha de artesanato da Beira Mar: uma análise geográfica. (Monografia de graduação) – Curso de Bacharelado em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1989.

GONÇALVES, L. A. A. Traçando mobilidades e tecendo territorialidades: o comércio de artesanato na Beira-Mar de Fortaleza/CE/Luiz Antonio Araújo Gonçalves. – Fortaleza, 2009. 201 p.; II.

LIMA, L. C.; **SILVA**, A M. F. da. O local globalizado pelo turismo: Jeri e Canoa no final do século XX – Fortaleza: EDUECE, 2004. 118p.

NASCIMENTO, F.R.; **SAMPAIO**, J. L. F. Geografia Física, geossistemas e estudos integrados da paisagem. In: Revista da Casa da Geografia de Sobral. Sobral, v.6/7, nº1, 2004/2005.

SEMACE - Superintendência de Meio Ambiente do Estado do Ceará. <http://www.semace.ce.gov.br/praias.2011>

VASCONCELOS, F. P. Gestão Integrada da Zona Costeira: Ocupação antrópica desordenada, erosão, assoreamento e poluição ambiental do litoral. Fortaleza: Editora Premium, 2005.